

## **Apresentação das obras de Maximiliano Gutiez**

por Marcelo M. Martins  
bolsista CNPq

Maximiliano Gutiez expõe, a partir do dia 21, na Galeria da Unicamp, algumas de suas obras. Aproveita o caro momento em que defende a sua dissertação de mestrado, intitulada *Do poeta asturiano da cor à vaca nos espaços paulistanos*, no Instituto de Artes da Unicamp, sob a orientação do professor Boccara. Comentaremos esses dois trabalhos citados, mas no sentido inverso e, para finalizar, voltamo-nos ao pós-graduando propriamente. Antes, porém, ressaltamos o fato de que a dissertação divide-se em dois tomos: no primeiro, encontra-se o texto “escrito”, enquanto, no segundo, os textos visuais citados, além de uma série de fotografias que ancoram visualmente os espaços comentados no trabalho, tanto os da Espanha: Pandenes, Gijón, Astúrias, quanto os de São Paulo: Viaduto de Chá, Santa Ifigênia, Vale do Anhangabaú, entre outros.

Foi a partir de uma pintura de Evaristo Valle, *A velha e o menino*, que Gutiez, ainda garoto, conheceu os encantos que a obra de arte pode oferecer ao sujeito que a contempla. O pintor asturiano viveu entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. Para chegar a pintura a óleo, Evaristo passou pela litografia e pela aquarela – e nunca mais as abandonou. Do ponto de vista da crítica, esse pintor não é tão reconhecido, mesmo porque, para muitos, seu trabalho beira um certo primarismo das artes. Motivo? Fora os que levam em conta a formação de grupos dominantes, a produção de Evaristo é colocada à margem porque há, nela, traços que lembram o inacabamento, que, por sua vez, nos remetem à idéia de “contornos”. Isso, que pode nos levar à crença de uma certa imaturidade artística de um pintor – do mesmo modo que avaliaríamos um desenho infantil –, é, de fato, a grandiosidade do trabalho de Evaristo, segundo o que Gutiez defende e nos mostra com bastante acuidade, numa linguagem poética, que lhe é tão peculiar.

Revela-nos, o pós graduando, que essas marcas que tanto se assemelham a “contornos” nada mais são que um recurso *a mais* utilizado por Evaristo, e eles, nas pinturas, têm funções bem definidas: criam efeitos de

sentido diversos, quer os de profundidade, de ilusão de planos, de perspectiva, de movimento, de aproximação, etc.; quer o de ser o ponto perceptivo que se pretende o atrativo primeiro da pintura. Desse modo, coloca-se num outro patamar analítico e interpretativo a produção de Evaristo e, por isso mesmo, merecedora de uma apreciação mais refinada, que é justamente o que Gutiez intenciona desenvolver. O futuro mestre em *Poéticas Visuais* dá seqüência, então, à releitura das obras de Evaristo, e identifica, nelas, os traços pertencentes à técnica da litografia, que serão, na dissertação, caracterizados como "mechas", e nos mostra que a técnica da aquarela é também constituinte dos trabalhos do pintor: tanto o é que ele trabalha com a formação de manchas, a partir de uma cor matriz, cujo matiz é o ponto de partida para a colocação de outras cores em cena. Sua cor predominante é o amarelo, trabalhado sempre em sua pureza e produtor de uma forte atração perceptiva.

Em vista dessa complexidade com a qual se constrói a pintura de Evaristo, mais um elemento vem a engrandecer seus trabalhos, o que coloca em xeque as várias leituras que se fizeram num momento anterior. Trata-se do suporte, tela ou cartão pequenos, em que Evaristo conseguiu produzir seus trabalhos, harmonizando cores e o espaço construído.

A forma de organização da expressão apreendida na pintura de Evaristo parece ter sido o que Gutiez procurou bravamente apreender. Comenta, em relação ao conteúdo das pinturas, que o pintor, filho da *Geração de 98*, traduziu em seus poemas visuais a alma espanhola. Metonimicamente, é verdade, porque centra suas personagens no espaço das Astúrias. E, mais uma vez, volta-se à questão da cor, pois seus trabalhos são feitos com as cores de sua região. Uma leitura mais atenta, no entanto, mostra que essa "alma espanhola" ou "alma asturiana" pode ser ampliada para outros tempos e espaços. Os camponeses, os marinheiros, os carnavalescos, os religiosos, os solitários, etc. que se pintam em Evaristo parecem pertencer ao mundo, de modo atemporal.

Toda essa apresentação faz parte do primeiro capítulo da dissertação de Gutiez, sobre a qual falaremos a partir de então. No segundo capítulo, o pós-

graduando visa a estabelecer uma relação entre as obras de Evaristo e as suas. Inusitadamente “surgem” Goya e Cervantes, que, como integram o segundo capítulo da dissertação e como elo entre esses dois pintores. Explicitemos.

A presença do *animal* nas obras desses artistas, um pintor e um literato, tem relação direta com as obras de Gutiez. Mas em relação às de Evaristo, ficamos, num primeiro momento, meio perdidos. No entanto, o mestrando esclarece que se trata da colocação em discurso do “modo de olhar” e, assim, retoma Evaristo para mostrar como, em suas pinturas, há personagens que “nos olham”, convidando-nos a participar da cena que se enuncia e nos chamando a atenção para um “outro” ponto de vista sobre aquilo que se apresenta na pintura. E esse modo de olhar vai ser aplicado sobre as duas obras aqui tratadas. Em Goya, a partir da pintura *El perro*, comenta-se a relação visual entre o cão e o que desconhecemos, porque não presente na pintura. Além disso, traça-se uma relação intertextual com a obra *El perro de Goya*, de Saura, e *Insistência*, do próprio Gutiez. Nessa relação, discute-se justamente o olhar dos cães, além dos traços figurativos que os aproximam. Em relação a Cervantes, o texto escolhido foi “El coloquio de los perros”, conto alegórico em que dois cães dialogam. Como mote, resolvem conversar sobre suas próprias vidas, para não “perder tempo em falar da vida alheia”, mas, para falarem de si mesmos, esbarram na necessidade de falar “dos outros”, o que dá um tom acentuadamente irônico e humorístico ao conto cervantino. Mais uma vez, trata-se da imagem do *animal* que apreende uma certa maneira de ser a realidade, discursivizando-a.

É justamente isso que aparece, no terceiro capítulo, na pintura de Gutiez: o *animal* que conta, que descreve a cidade de São Paulo para os receptores da pintura. Uma vaca e um cão (aquele de *Insistência*) ganham a voz do discurso. Para explicitar como isso acontece, Gutiez elabora um *conto*, mas não antes de mostrar de onde vem o elemento *aquoso* que permeia suas pinturas, voltando-se à formação da cidade de São Paulo. Desse modo, o mestrando nos mostra, numa narrativa fantástica, o como esses animais se conheceram e qual seus significados em suas pinturas. Aparentemente é a

*vaca* que assume o fio do discurso, mas, pela leitura do conto, apreendemos que a realidade que ela conta, ou melhor, *sente*, nada mais é do que o mundo que lhe é contado pelo *cão*. Motivo? A resposta está no conto! Essas figuras dos animais, antes de serem voltadas à simbologia (da terra, da fertilidade, da fidelidade, etc.), são simplesmente um modo de ser colocado, em discurso, o ponto de vista de “sujeitos reais” cujas imagens metaforizam: os habitantes das ruas de São Paulo, aqueles postos à margem pela sociedade e que, pela característica de serem andarilhos, conhecem melhor que ninguém os cantos de “nossa” Sampa. Aliás, “nossa”, aqui, pela leitura de mundo que as pinturas propõem, perde um pouco o sentido.

Partindo do pressuposto de que o todo está na parte, Gutiez analisa apenas uma de suas pinturas no terceiro capítulo: *Avenida Nove de Julho*. Além de retomar rapidamente a figura da *vaca* instaurada na pintura, volta-se detalhadamente para o componente cor, descrevendo-o em relação a si mesmo e em relação à construção do espaço, e comenta, por fim, os recursos utilizados para que sejam criados os contrastes e as “mechas”, características que retomam as obras de Evaristo Valle.

Uma palavra a respeito do pintor. Gutiez é dotado de uma personalidade acentuadamente marcada pelo humanitarismo, o que o torna bastante espontâneo em suas relações que são baseadas no “branco no preto”, no “oito ou oitenta”. Todos nós sabemos que devemos estar sempre apaixonados: quer por uma pessoa, quer por um lugar, quer por uma lembrança, quer por nossos *barquinhos de papel*, etc., sendo isso que nos faz prosseguir em nossa caminhada. Para Gutiez, a paixão concentra-se na pintura, ou melhor, na cor com a qual se constroem suas pinturas. Em sua sensibilidade, humana e artística, consegue nos encantar. Pelo seu senso de humor, consegue nos divertir. Pelas suas angústias, consegue nos tocar. E pelo seu modo de ser humano, consegue nos conquistar. Seu histórico pessoal talvez entrasse como um componente importante para uma análise mais refinada de sua personalidade, mote que não pode ser desenvolvido por este que escreve estas poucas linhas, a não ser no sentido de ser bastante especulativo, como apresentamos a seguir.

Gutiez é paulistano de nascimento, mas foi criado pela avó materna na Espanha, nas Astúrias, na região de Pandenes (perto de Gijón, cidade natal de Evaristo). Escolheu São Paulo para aportar seu *barquinho de papel*, como diz, porque esta cidade é de todos e ao mesmo tempo de ninguém. E esse traço é característico, sabemos, da identidade de São Paulo, e Gutiez o considera fundamental para entender até mesmo a sua identidade pessoal, isto é, ser meio de "cá" e ser meio de "lá". De certa forma, é isso que suas pinturas poetizam: pontos de vista de sujeitos cuja identidade, como a de São Paulo, é sempre complexa. E só por isso, já vale a pena conhecer o trabalho do pintor.



Gutiez, *Insistência*, 2000,



Gutierrez, *Nove de Julho*, 2000, óleo sobre tela, 200 x 140 cm.



*Pinheiros.*

*Gutierrez, Marginal*



Gutiez, *Rua dos Pinheiros*.